

## A QUESTÃO DA MELANCOLIA NA HISTÓRIA E NA PSICOLOGIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA “MELANCOLIA I” DE DÜRER

THE ISSUES ON MELANCHOLY IN HISTORY AND PSYCHOLOGY: AN ANALYSIS FROM ALBRECHT DÜRER'S "MELANCHOLIA I"

Marcel Henrique Rodrigues<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho é fruto de uma investigação de mestrado que tem como base a análise hermenêutica da gravura “Melancholia I”, obra do renascentista Albrecht Dürer. Feita uma análise prévia da gravura, nos deparamos com uma incrível quantidade de símbolos que, ao que tudo indica, nos remetem às concepções místico-religiosas. No entanto, este trabalho não se deterá na análise dos símbolos da gravura, mas na própria problemática da melancolia, que fornece o nome à obra. Ao adentrar no âmbito da melancolia como disposição psicológica, nos deparamos com uma longa tradição de estudiosos que se dedicaram ao seu estudo desde a Antiguidade. Sendo assim, este artigo visa recuperar, em linhas gerais, a maneira como a melancolia foi estudada no decorrer da História, bem como apresentar, em um segundo momento, uma discussão sobre a melancolia no cenário da Psicologia, sobretudo na Psicanálise. Como metodologia, utilizamos uma literatura específica dentro da História da Ciência, que trata da melancolia desde a Antiguidade até a Era Contemporânea.

**Palavras-chave:** Melancolia; Albrecht Dürer; Psicologia; História.

**Abstract:** The following paper is the result of a master's research based on an hermeneutic analysis of the engraving "Melancholia I" - a piece by the Renascentist painter Albrecht Dürer. Executing a preliminary analysis of the picture it is possible to find an incredible amount of mystical-religious symbols. However, this work will not focus on the analysis of these symbols, but in the very problematic of melancholy, which named the painting. In this sense, observing melancholy as a psychological disposition is a theme that has a long tradition among scholars who have dedicated themselves to the study of melancholy since old times. Thus, this article aims to generally present the way gloominess has been studied throughout History and present a discussion off melancholia in Psychology science, especially in psychoanalysis. The methodology used is a specific literature in the Science History, which deals with melancholy from Antiquity to the Contemporary Age.

**Keywords:** Melancholy; Albrecht Dürer; Psychology; History.

### Introdução

O presente artigo surgiu ao nos depararmos com a gravura “Melancholia I”, do pintor renascentista alemão Albrecht Dürer (1471-1528). A curiosidade inicial baseava-se na

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciência da Religião pela UFJF, bolsista Capes. [marcel\\_symbols@hotmail.com](mailto:marcel_symbols@hotmail.com)

simbologia místico-religiosa que a gravura agrega. No entanto, percebemos que a temática da melancolia está para além da gravura de Dürer, consistindo em um problema filosófico, religioso e médico que tomou a mente de vários pensadores nos mais diversos períodos históricos.

Este artigo divide-se em duas partes: no primeiro tópico, analisaremos como a temática da melancolia foi tratada durante a História, passando desde a Medicina de Hipócrates (460-370 a.C) e Galeno (129-217 d.C) até Aristóteles (384-322 a.C), com o famoso “Problema XXX”, atribuído ao filósofo de Estagira. Ainda no primeiro tópico, continuaremos nosso estudo até nos depararmos com a Idade Média e o início da Era Moderna. Nesses períodos, sobretudo no medievo, encontramos a melancolia cuja causa principal é a acídia, o ócio excessivo que acometia principalmente os monges. A problemática ganhou grandes proporções em muitos ramos do conhecimento. E é no final da Idade Média e início da Era Moderna, durante o Renascimento, que Dürer, influenciado pelo espírito de sua época, entalhou a gravura “Melancolia I”, uma das mais enigmáticas obras de arte de todos os tempos.

No segundo tópico, trataremos a temática para a contemporaneidade, mostrando como a melancolia foi tratada pela Psicologia, ciência fundada no final do século XIX. Com a criação da Psicologia como ramo científico autônomo, os estudiosos puderam analisar os comportamentos sob um viés empírico. Entretanto, a melancolia, além de ter seu processo por meios da subjetividade, o que complicava o estudo empírico, não podia ser somente analisada de forma empírica, uma vez que suas características sintomáticas são similares às da depressão.

Coube à Psicanálise fazer essa distinção entre melancolia e depressão. A tentativa dessa distinção ocorre no famoso trabalho “Luto e Melancolia” de Freud (1856-1939), onde este tenta, com certo sucesso, fazer a distinção entre o processo do luto e o da melancolia. A partir desse momento, Freud instaura a necessidade de fazer distinções entre as patologias, o que renderá diversos trabalhos posteriores voltados, principalmente, à distinção entre depressão e melancolia.

Este segundo tópico trará essa discussão dentro da Psicanálise, explorando as possíveis distinções entre a depressão e a melancolia, enfatizando, mais uma vez, as características e as origens da melancolia, já que este artigo tem este tema como objeto.

Por fim, faremos uma conclusão apontando que, mesmo a temática sendo explorada desde a Antiguidade, ela permanece atual e ainda é um desafio no campo clínico. No tocante à gravura “Melancolia I” de Dürer, apesar de sua antiguidade e de seu caráter místico-religioso, ela pode ser interpretada sob um viés contemporâneo, apontando a atualidade da temática e

demonstrando como uma obra de mais de quinhentos anos pode suscitar um significado sempre atual.

### **1. Uma análise da concepção de melancolia através da História e a gravura “Melancolia I” de Dürer**

Uma rápida análise sobre o problema da melancolia no percurso da História nos indica que a temática foi muito estudada e debatida em diversos períodos. A melancolia tem sido “objeto” de análise desde a Antiguidade grega, quando filósofos e médicos já se ocupavam em estudar esse estado psicológico. Ora, chama-nos a atenção que a melancolia já recebia enfoque de diversos estudiosos desde os tempos antigos. Com isso, podemos de antemão concluir que a melancolia já era uma problemática no âmbito psicológico e que prendeu a atenção de médicos e filósofos.

A fortuna crítica apresenta uma ampla literatura dentro da História da Ciência, que aponta que o termo “melancolia” era conhecido na Medicina grego-hipocrática. Essa constatação, como menciona Ball (2009), está na própria terminologia utilizada por Galeno, famoso médico da Antiguidade que se inspirou em Hipócrates, pai da Medicina, para formular a teoria dos quatro humores.

A teoria humoral forma a pedra angular da medicina hipocrática. São quatro: sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra. Para uma saúde perfeita, esses humores devem se encontrar em equilíbrio; a doença ocorre por causa do excesso de um ou outro. Assim, por exemplo, uma pessoa se torna colérica e biliosa quando seu corpo cai sob a influência da bílis amarela. O objetivo do médico era restaurar o equilíbrio, através de poções, dieta ou sangria, que descartava excesso de sangue e permitia a saída de humores supérfluos.

De certa maneira a medicina ganhou uma base mecânica: a saúde se mantinha com a liberação ou aumento dos quatro tipos de reserva no corpo. O médico, então, precisava aprender como diagnosticar desequilíbrios a partir dos sintomas de um paciente. Mas também havia um aspecto metafísico no sistema de humores. O número quatro não é coincidência, já que é espelho da teoria dos quatro elementos. Esse tipo de correspondência pode ser visto como uma visão essencialmente mágica da natureza. Os humores hipocráticos foram adotados por Galeno, que os identificou com os quatro tipos básicos de temperamento. Uma personalidade de tipo sanguíneo é confiante, corajosa, amorosa, expansiva; o tipo fleumático é calmo; o colérico, zangado e irascível; e o melancólico tem tendências à tristeza e depressão, ou pior, à gula e covardia. (BALL, 2009, p. 49-50).

A explanação de Ball nos mostra como a Medicina antiga se desenvolveu e como ela esteve relacionada aos elementos religiosos ou mágicos. Esse envolvimento entre Medicina e religião se perpetuará até o início de Era Moderna. Tal entrelaçamento entre o religioso e o científico é uma fonte importante para esta pesquisa, visto que, por séculos, a noção de

melancolia era entendida para além de aspectos fisiológicos, pois havia a crença de que os astros influenciavam diretamente a saúde dos indivíduos. Tal noção é bem desenvolvida por Rodrigues (2009), ao apontar que o envolvimento entre ciência, no caso a Medicina, com elementos místico-religiosos se dera em proporções tão grandes que não era possível, entre antigos e medievais, fazer uma distinção clara do que era científico e o que era puramente religioso.

McIntosh (2001) desenvolve esse pensamento quando mostra a noção de microcosmos e macrocosmos. O microcosmo seria a realidade terrena ou, no campo da fisiologia, o nosso próprio corpo humano que, por sua vez, é reflexo de uma realidade muito mais ampla: a realidade macrocós mica que está contida no universo e no cosmos. Essa mesma noção é desenvolvida por Eliade (2011) ao apontar que a construção de um templo sagrado, na grande maioria das religiões, quer representar simbolicamente o reflexo do macrocós mico. O mesmo sentido é apontado por Hautecoeur (1963) quando menciona que a ideia das representações do micro e do macrocós mico é essencialmente platônica e teve muita influência na cultura Ocidental.

Porém, é essencial compreender como essa doutrina de cunho místico-religioso influenciou concepções médicas. Para isso escreve McIntosh:

Mas, uma vez que os seres humanos são microcosmos de uma realidade mais ampla, esse eu está condicionado por influências no cosmos. Assim, se um médico quiser conhecer toda a pessoa, ele deve ser capaz de estudar as influências cósmicas que agem sobre ela pela astrologia. Ele deve ser também um teólogo para compreender as necessidades da alma, um alquimista para compreender o trabalho interior da matéria, e um místico para saber que há uma verdade divina além da razão. (MCINTOSH, 2001, p. 58).

O autor nos mostra com clareza o entrelaçamento entre religião, esoterismo e a ciência médica. O estudioso ainda exemplifica, por meio da figura do médico e alquimista Paracelso (1493-1541), como se manteve o enlace entre esoterismo e Medicina, mesmo este tendo vivido em um período em que, muito lentamente, a Ciência se distanciava da religião<sup>2</sup>.

Retomando a questão sobre a melancolia, notamos que ela se identificava, segundo a teoria galênica, com a bÍlis negra. Rodrigues (2009) menciona que a melancolia havia sido tratada como doença, sendo que a substância em desequilÍbrio no organismo, causadora de tal mal, seria a bÍlis negra. Tal bÍlis era produzida pelo baço que, quando não exercia bem a sua

---

<sup>2</sup>No período em que viveu Paracelso já existiam os primeiros progressos em fisiologia e anatomia com a dissecação do corpo humano, realizadas por da Vinci e Vesálio. No entanto, a crença de que o corpo humano, com seus humores, estava relacionado com uma realidade superior e macrocós mica ainda estava em voga. Paracelso é um exemplo claro que ainda mantinha essa linha de raciocÍnio.

função, a produzia demasiadamente. O indivíduo era acometido por sintomas melancólicos que, como menciona Rodrigues (2009), tinham como características a magreza, a palidez, lentidão e busca pela solidão, dentre outras.

O tema chamou atenção de um dos maiores nomes do pensamento ocidental. Aristóteles, em um tratado conhecido como “O Homem de Gênio e a Melancolia, Problema XXX” (1998), já mencionava a bílis negra como responsável pelo estado melancólico. Porém, diferente de outros cientistas e filósofos, Aristóteles considera que os melancólicos geralmente são personalidades geniais que tendem às artes e à Ciência. É dessa maneira ele que inicia sua obra:

Por que razão todos os que foram homens de exceção, no que concerne à filosofia, à ciência do Estado, à poesia ou às artes, são manifestamente melancólicos, e alguns a ponto de serem tomados por males dos quais a bile negra é a origem, como contam, entre os relatos relativos aos heróis, os que são consagrados a Hércules? Com efeito, este último parece verdadeiramente se originar dessa natureza; o que explica também os males dos epiléticos, os Antigos os chamaram, por sua causa, doença sagrada. O acesso de loucura dirigido contra seus filhos, como, antes de sua desapareição sobre o Eta, a erupção das úlceras, deixa isso manifesto. Porque são acidentes que atingem muitas pessoas, por causa da bile negra. (ARISTÓTELES, 1998, p. 81).

A ideia de Aristóteles não mudou o cenário da Antiguidade, que colocava a melancolia como enfermidade. Seu conceito, conhecido como “melancolia generosa”, parece ter ficado esquecido até a Idade Média. Klibansky, Panofsky e Saxl (2012) admitem que a ideia aristotélica foi retomada no pensamento da Europa medieval, que enfrentava um “surto” de melancolia. De fato, esse estado psicológico afligia os mosteiros europeus, onde monges sofriam com o ócio (ou acídia) e enfrentavam o pesado fardo da melancolia.

Frente à nova problemática, que agora relacionava a disposição melancólica e a vida ascética, o “Problema XXX” foi finalmente redescoberto na Idade Média e louvado por personalidades como Alberto Magno, por exemplo. O santo viu no tratado aristotélico uma chave para a solução, ou ao menos para a explicação, do mal melancólico que atingia os mosteiros. Sua tese elevava a melancolia a um divino estado de espírito pelo qual o homem encontraria a iluminação divina. Assim, seu argumento corroborava a ideia aristotélica de melancolia benévola. Quem advogava a opinião de Alberto alegava que o homem, em estado de melancolia, buscava sua iluminação espiritual.

Embora a Idade Média tenha recuperado o tratado aristotélico e mesmo empreendido um esforço para encarar a melancolia como um processo ao qual todos os sábios, intelectuais e ascetas estavam destinados, o melancólico ainda permanecia visto como enfermo. O trabalho de Aristóteles não havia ganhado o impacto necessário para uma contemplação positiva da disposição melancólica. A noção da influência negativa da quantidade de bílis negra e o

consequente estado melancólico continuaram a ter seus pareceres negativos dados por médicos e filósofos no cenário medieval. Somente com o lento processo de transição para a Era Moderna é que uma nova concepção de enfermidade iria surgir.

Tangenciando o início da Modernidade, com a erupção do Renascimento europeu, a tese dos quatro humores ainda estava em vigor. Mesmo havendo estudiosos que se preocupavam em desenvolver a Ciência empírica, afastando-se da união com a religião, ainda era prevalecente o intercâmbio entre o científico e o religioso. Típica desse caso é, por exemplo, a figura já mencionada de Paracelso que ainda lutando contra muitas crendices de sua época, como a crença de que as doenças eram enviadas por Deus, ele mesmo, enquanto médico, permanecia crédulo na ação dos astros na saúde dos homens. As noções de que o astro Saturno influenciava a vida do homem, e que era responsável pela melancolia, já eram conhecidas desde a Antiguidade Clássica. Delumeau expõe com propriedade a noção de Ciência no Renascimento:

Atribuía-se aos astros e a todas as forças celestes um comportamento afectivo análogo ao do homem. Como qualquer pessoa que se sente feliz por voltar a casa e, cheia de ideias altruístas, se dispõe a ser prestável ao próximo, assim o astro que regressa ao seu “domicílio”, ou seja, à constelação onde se encontrava no momento da criação está também contente e envia então para a terra raios benfazejos. “O céu dos astrólogos reflecte, portanto, numa escala muito mais vasta, o mundo humano com todas as suas paixões, vicissitudes, conflitos e angústias. Os astros amam-se, odeiam-se, associam-se, combatem-se, perseguem-se, assediam-se e queimam-se reciprocamente.” (E. Garin) (...).

(...) Mais ainda que a Idade Média, o Renascimento, especialmente pelo novo concedido ao neoplatonismo e às doutrinas esotéricas, acentua o caráter de unidade viva do universo. O mundo é concebido como um tecido de correspondências secretas, de simpatias e aversões ocultas, como um jogo de espelhos que dão resposta uns aos outros, como um diálogo de estrela para estrela e entre as estrelas e o homem. Há assim uma relação entre as partes do corpo e os signos do zodíaco. “No indivíduo, cada víscera reage ao seu correspondente sideral. O coração é regido pelo sol; o cérebro pela Lua; Saturno, que é frio, domina os atrabiliários e, como é seco, domina também os avarentos; a Lua, húmida, comanda a fisiologia feminina; Vênus incita os seus súbditos à luxúria e Marte à valentia” (P. Delaunay). Pensa-se geralmente que as luas cheias e novas, bem como os eclipses do nosso satélite, provocam alterações no corpo humano e são prejudiciais aos doentes. Jacques Peletier ensina que a peste provém de uma conjunção de Saturno e Júpiter e a família, cujos danos, no século XVI, foram enormes, da de Saturno com Marte. (DELUMEAU, 1984, p. 131).

A tese de Delumeau confirma a hipótese de que mesmo com o advento do Renascimento, a Ciência e a religião permaneciam atreladas, no caso, citamos as doutrinas herméticas, Alquimia, Cabala e Astrologia. A noção de que a vida terrena era um reflexo do cosmos, conhecida como noção de micro e macrocósmico, deve ter ganhado grande respaldo no Renascimento, já que antigas doutrinas mágicas e esotéricas classificadas como herméticas estavam ressurgindo e alcançando vários adeptos.

Kinney (2006) remete a um importante fato histórico que corrobora nossa tese sobre o “Renascimento” do hermetismo. Tal fato concerne que em 1460 o famoso *Corpus Hermeticum*, atribuído a Hermes Trimegisto, fora encontrado em Bizâncio, fornecendo um forte entusiasmo aos estudos sobre esses escritos herméticos. Essa é uma forte hipótese de que ainda, mesmo no Renascimento, a Ciência e o esoterismo permaneciam lado a lado. A máxima, atribuída a Trimegisto, “Assim é em cima como embaixo” reforça a tese da mencionada influência da Astrologia na Medicina renascentista.

E é justamente nesse intercâmbio cultural proporcionado pelo Renascimento europeu que surge na Alemanha a figura do artista Albrecht Dürer, o maior expoente do Renascimento alemão, que executa sua enigmática obra “Melancolia I” em 1514.



<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b6951272q.r=.langFR>

Acesso em dezembro/2015.

Em uma análise despreziosa, vemos dois anjos: um grande, em primeiro plano, com traços femininos e um outro, bem menor, em segundo plano, com traços masculinos, ambos situados em um cenário desorganizado em que a tristeza e a melancolia tomam conta das duas aladas figuras da gravura.

De antemão, mesmo para os que não são versados em artes, é possível deduzir que a gravura de Dürer não deseja reproduzir a melancolia como um estado psicológico. O autor vai mais longe e deseja utilizar símbolos e alegorias para deixar uma “mensagem oculta”. Os

símbolos, por sua vez, têm como características o chamado “revelar velando”, ou seja, há uma série de imagens e ícones que expressam uma mensagem revelada. No caso, a própria melancolia e outra que necessita de uma chave hermenêutica, pois a mensagem ou significado está oculta.

Para obtermos tal chave hermenêutica, uma solução é a utilização dos critérios já assinalados neste tópico sobre como a melancolia havia sido tratada até então, durante seu percurso histórico. Assim, nesse caminho, podemos supor que, além dos símbolos que revelam que se trata de uma melancolia, dada principalmente pelo título da obra, Dürer tenha “criptografado” uma simbologia que congrega noções de Astrologia através da influência de Saturno; e de Alquimia, por meio da simbologia esotérica e das noções de geometria, pois quase todos os utensílios espalhados nos remetem às noções matemáticas, talvez uma referência à própria Ciência empírica, que dava seus primeiros passos no início do século XVI.

Em uma conclusão prévia, poderemos inferir que “Melancolia I” pode ser, grosso modo, mais que uma simples gravura, sendo que ela representaria o “arquétipo” máximo de todo o conhecimento ou noção através dos quais a humanidade já havia teorizado sobre a problemática da melancolia. Essa tese se sustenta em diversos níveis: o primeiro concerne o próprio ar de tristeza e de pesar que a obra incita. Estaria aqui a noção de melancolia maléfica, a acídia dos monges da Idade Média; o segundo nível é a representação da teoria aristotélica para a melancolia. Com efeito, a gravura pode também indicar que os objetos matemático-geométricos espalhados por toda a parte sejam um sinal de que as figuras aladas já tenham feito uso do conhecimento científico, no caso, da própria Matemática.

Já um terceiro nível hermenêutico da gravura poderia nos levar a uma crítica que Dürer poderia fazer frente às grandes revoluções científicas e religiosas que sacudiam a Europa no início do século XVI. Não obstante, esse é o nível mais audacioso para propor o que nos renderia uma nova pesquisa.

O mais importante a ressaltar é que Albrecht Dürer, um dos maiores gênios da Renascença, se deteve em um minucioso trabalho em cobre que resultou em uma gravura dedicada à melancolia. É por essa especial atenção dada à melancolia que colocamos a gravura do mestre alemão como central em nosso artigo.

Aqui, neste trabalho, a gravura com toda a sua simbologia nos inspira a estudar a melancolia tanto no âmbito histórico, psicológico como filosófico. “Melancolia I” é um expoente alegórico e simbólico que comprova a preocupação que diversos estudiosos deram para essa disposição da psique humana.



Quanto ao pano de fundo, isto é, o início do século XVI, nos deparamos com duas figuras importantes que, ao que tudo indica, influenciaram diretamente Dürer e suas obras de arte. Referimo-nos a Cornélio Agrippa (1486-1535), famoso por seus estudos em torno do ocultismo, e Marsílio Ficino (1433-1499), importante filósofo italiano que proporcionou o reavivamento do Platonismo através da Academia de Florença.

Classificando Agrippa e Ficino no *hall* dos humanistas, apontamos que ambos os estudiosos estavam interessados no estudo de assuntos esotéricos ou herméticos. Ambos tinham suas paixões pelo esoterismo, Agrippa em uma escala bem maior que Ficino. Eles também escreveram sobre a tão debatida temática da melancolia. Klibansky, Panofsky e Saxl (2012) ressaltam que Ficino viveu em uma Florença em que as concepções dos humores, a Medicina hipocrática e o “Problema XXX” de Aristóteles eram abertamente discutidos nos meios intelectuais.

Ficino, ao se deparar com o “Problema XXX”, formula a ideia de homem ideal.

[...] atinge seu pleno desenvolvimento sistemático, e sua objetivação psicológica, em um autor cuja obra já demos abundantes citações quando se tratava de encontrar formulações “clássicas” da nova doutrina de Saturno e da melancolia. Falamos de Marsilio Ficino, o tradutor de Platão e Plotino; ou ele próprio apareceu na capa de sua tradução de Platão, “Philosophus Platonicus, Medicus et Theologus”. Marsilio foi muito além das observações dispersas de outros autores e dedicou uma monografia inteira para a nova doutrina. Foi ele quem realmente deu forma a ideia do homem genial melancólico e revelou-lo para o resto da Europa - em particular aos grandes ingleses dos séculos XVI e XVII - no claro-escuro mágico do misticismo neoplatônico cristão. (KLIBANSKY, PANOFSKY E SAXL, 2012, p. 250)

Klibansky, Panofsky e Saxl também postulam que durante o Renascimento, mais precisamente no período em que viveu Ficino, ocorreu uma condensação entre o Neoplatonismo e a teoria aristotélica do “homem de gênio” do “Problema XXX”. Assim, para esses estudiosos, a academia neoplatônica florentina sustentou a tese de que todos os homens geniais seriam pré-dispostos à melancolia. Para muitos humanistas, Saturno, o astro da melancolia, passou a ser o patrono do Renascimento.

Para Rodrigues (2009), Ficino teve grande influência na vida de Dürer, o que possibilita a tese de que o pensamento neoplatônico tenha repercutido sobre o pintor alemão, principalmente na estudada gravura. Outro autor influente na época é Agrippa, expoente nos estudos ditos herméticos. “Agrippa elaborou o neoplatonismo e o hermetismo, mas também a astrologia, a mística dos números, alquimia e a cabala como instrumentos para o conhecimento e dominação do cosmo, formando um conceito próprio de magia.” (RODRIGUES, 2009, p.51).

“Melancolia I” pode ter diversas interpretações. É certo que Dürer tenha recebido influência de diversas escolas filosóficas e esotéricas que afluíam em sua época. Para este nosso estudo, fica apresentada a gravura do artista de Nuremberg como símbolo máximo de uma temática tão importante para a História do pensamento ocidental.

A fim de finalizar este tópico, devemos mencionar o livro “A Anatomia da Melancolia” de Robert Burton (1577-1640). Chama-nos a atenção o fato de que o autor do livro não é um médico, mas sim um teólogo. É nesse verdadeiro tratado sobre a disposição melancólica que se condensa todo o estudo filosófico, teológico e fisiológico existente até então sobre a melancolia. A obra de Burton “inaugura” a modernidade com o maior tratado médico escrito por um leigo.

## **2. A melancolia na modernidade e na contemporaneidade**

Após essa longa e importante apresentação sobre abrangência do estudo da melancolia durante a História do Ocidente, podemos nos questionar sobre o seu debate na atualidade. Para responder a essa questão, ou ao menos tentar, continuaremos a abordar o assunto dentro de um viés histórico, mas agora amparado pela Psicologia, sobretudo pela Psicanálise.

A Psicologia, como Ciência independente, só apareceu no final do século XIX, na Alemanha, com os experimentos de Wilhelm Wundt (1832-1920). Antes do estabelecimento da Psicologia como Ciência autêntica e independente, algumas noções sobre o psiquismo humano estavam atreladas aos estudos filosóficos e teológicos. São os experimentos de Wundt que basicamente “separam” o estudo das emoções e dos comportamentos de concepções filosóficas e/ou teológicas, abrindo espaço para uma nova ciência, a Psicologia:

A história da ciência psicológica começa com Wundt, James e seus precursores, identificados, naturalmente, com as ideias veiculadas nas obras desses fundadores do projeto científico da psicologia. A história da ciência psicológica é contada a partir da concepção de ciência que Wundt e James usam para distinguir a psicologia como ciência da psicologia como metafísica. A pré-história dessa ciência conta a história da psicologia metafísica. Com base em Bachelard (cf. Canguilhem, 1972), pode-se chamar a história da psicologia científica de história sancionada e a pré-história da psicologia científica de história superada. Logo no ponto de partida, o projeto científico da psicologia se bifurca, pois Wundt e James apresentam concepções diferentes de ciência psicológica, e, na sequência, o que o século XX testemunhou foi uma multiplicação de acepções de psicologia científica. Diante da proliferação da psicologia moderna, a reflexão epistemológica sobre a psicologia pertence ao gênero epistemologia pluralizada, ou teoria pluralizada do conhecimento, o que significa dizer que a psicologia é conhecimento plural. Decorre dessa reflexão que a história da psicologia é história do conhecimento psicológico, um tipo de investigação que pertence ao gênero história da cultura. (ABIB, 2009, p. 196).

No mesmo período da fundação da Psicologia, nos defrontamos com a figura de Sigmund Freud (1856-1939) que, ao se deparar com o modelo mecanicista de Ciência que, de certa forma, Wundt abraçou, percebeu que esse modo era ineficiente para explicar todos os processos psíquicos do homem, por isso, inaugura uma nova Ciência, a Psicanálise.

Enquanto a Psicologia experimental de Wundt se preocupava com a empiria dos experimentos realizados em laboratório, geralmente com observação dos comportamentos, Freud constatou em seus casos analisados que estudar a mente humana somente no nível da consciência seria um grande equívoco, já que muitos sentimentos e sensações estão no inconsciente do sujeito. Para Freud, o inconsciente, em termos topológicos, seria a maior porção do psiquismo humano.

Freud inaugurava uma nova abordagem que tem a preocupação de localizar e explicar, através do inconsciente, diversas emoções, sentimentos e comportamentos do homem. Uma dessas emoções que ganham destaque no estudo psicanalítico é a melancolia.

Antes de ponderar sobre o que a Psicanálise entende por melancolia, é importante ainda mencionar como a filosofia anterior a Freud e à Psicanálise se defrontava com a questão melancólica. Para isso, temos a figura de Spinoza (1632-1677), que em sua “Ética” se debruça sobre essa problemática. É interessante salientar que Spinoza escreve sobre a temática poucos anos após o lançamento do livro já citado de Robert Burton, “A Anatomia da Melancolia”.

Spinoza escreve em sua “Ética” uma definição para melancolia: “a Melancolia é a Tristeza que, enquanto se refere ao Corpo, consiste em que a potência de agir do Corpo é absolutamente diminuída ou coagida...” (SPINOZA, apud Paula, 2014, p.600).

Paula (2014) argumenta que Spinoza lutou contra a tradição aristotélica do “Problema XXX”, que coloca todos os sábios sob o domínio da melancolia. Spinoza assume o conceito de que a melancolia atinge a capacidade do homem de agir e de se movimentar, talvez seria hoje o que chamamos de “depressão profunda”, aquilo que incapacita o sujeito de agir, “seja no corpo ou na mente”. Se a melancolia produz tais efeitos nefastos, como os grandes gênios da humanidade, sendo melancólicos, puderam produzir tantas obras artísticas, científicas e filosóficas?

Como a alegria fora definida como aumento da potência de agir (seja do corpo, seja da mente), uma absoluta diminuição ou coibição da potência é tristeza profunda. Eis a nossa questão: se é assim, a melancolia não poderia estar associada à criatividade - artística, filosófica ou qualquer outra - uma vez que, no limite, ela levaria à total incapacidade de agir, de se fazer o que quer se seja, como nos atuais casos de depressão profunda...Mas, neste caso, como explicar a tese aristotélica, que não deixa de apresentar, a seu favor, muitos exemplos empíricos do próprio Dürer, de Burton e tantos outros? (PAULA, 2014, p.600).

A tese de Spinoza contradiz a tese aristotélica. Não seria ousado dizer que, na época de Spinoza, se conhecia mais profundamente as características psicológicas do ser humano do que na época de Aristóteles. Por esse motivo, o filósofo holandês pôde fazer uma crítica ao “Problema XXX”.

Em seu estudo, Paula (2014) também traça um estudo da obra “Melancolia I” de Dürer, considerando a inatividade do anjo saturnino. Baseando-se na argumentação de Spinoza, a melancolia é a própria inatividade. A figura alada está, segundo Paula (2014), inativa mesmo frente aos objetivos científicos espalhados ao seu redor.

Spinoza propõe que o melhor antídoto contra a melancolia seja o próprio processo de conhecimento. Para o filósofo, o conhecimento é a chave principal para a alegria (o antídoto contra a melancolia), uma vez que o processo de conhecer é libertador e supera a melancolia que, por sua vez, nunca será vivenciada em sua totalidade, pois culminaria na própria morte do sujeito.

Essa modificação permite-nos compreender a melancolia como um efeito de tristeza que, atingindo *igualmente* todas as partes do corpo, diminui *absolutamente* sua potência de agir, e conseqüentemente a potência de pensar da mente que dele é a ideia. Tal diminuição, sendo absoluta, faz da melancolia um afeto que pode ser definido, mas não vivenciado em sua plenitude: pois, no limite, a melancolia é a própria morte, e na morte já não há afetos, que são variações da potência de existir. (PAULA, 2014, p.608).

Trazer a figura e o pensamento de Spinoza para nosso trabalho foi uma ação estratégica, uma vez que ele dissertou sobre a questão da mente ou, em outras palavras, sobre algumas primeiras noções de Psicologia que, como citadas anteriormente, só seriam desenvolvidas enquanto Ciência no final do século XIX.

### **2.1. A melancolia sob um viés psicológico**

A abrangência da temática faz com que nos detenhamos em analisar como a Psicologia propriamente dita tem classificado a melancolia.

O termo melancolia tem suscitado discussões entre profissionais da Psicologia e da Psiquiatria. De antemão, podemos inferir que não existe clareza e exatidão na distinção dos conceitos de melancolia e depressão, por exemplo. Muitas vezes ambos os sintomas são classificados como similares, não havendo distinção entre eles.

Vejamos como a Psiquiatria tem tratado o assunto.

Del Porto, em uma revisão não-sistemática, investigou as características da melancolia. O termo "melancolia" tem sido utilizado nas classificações atuais, como o DSM-IV, para designar um subtipo de depressão antes conhecido como "endógeno", "vital", "somático" ou "endogenomórfico". Considerada por muitos como o protótipo ou síndrome nuclear da depressão, a melancolia - ao contrário de outras formas do transtorno - parece ser parte de um grupo mais homogêneo de condições que respondem melhor a tratamentos biológicos e nas quais fatores genéticos seriam os principais determinantes. A revisão deu ênfase aos estudos de Parker et al., os quais chamam atenção para a importância de alterações psicomotoras na melancolia, que constituiriam o elemento principal do transtorno. O conceito de melancolia no DSM-IV foi revisado com relação ao DSM-III-R de modo a tornar-se mais preciso e permitir melhores definições dos subgrupos estudados. No luto normal, as pessoas em geral ainda mantêm determinados interesses e respondem positivamente ao ambiente quando estimulados de forma adequada. A inibição psicomotora, característica dos estados melancólicos, não é observada no luto. Em uma revisão da literatura sobre estados depressivos, o ítem "retardo psicomotor" foi o denominador comum entre nove sistemas de classificação como um elemento distintivo da melancolia. (JURUENA et al. 2011 p.540).

Há também, no ramo médico-psiquiátrico, um esforço para tentar fazer a distinção mais clara possível entre melancolia e depressão. No entanto, essa distinção não é fácil, pois requer muitos anos de estudos e de comparações entre as sintomáticas de um melancólico e de um depressivo.

Freud (2006) talvez tenha sido um dos primeiros a se preocupar com diferenciação, no caso, entre luto e melancolia. Em seu famoso texto "Luto e Melancolia" (2006/1917), o pai da Psicanálise, já no início de seu trabalho, diferencia o luto como a perda de um objeto amado, como a morte de um ente querido, por exemplo. Já a melancolia, embora apresente muitas características parecidas com as do luto, não possui, ao menos claramente, um objeto que se tenha perdido.

Vejamos como Freud expõe os traços característicos da melancolia.

Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envelhecimento, culminando numa expectativa delirante de punição. Esse quadro torna-se um pouco mais inteligível quando consideramos que, com uma única exceção, os mesmos traços são encontrados no luto. A perturbação da auto-estima está ausente no luto; afóra isso, porém, as características são as mesmas. O luto profundo, a reação à perda de alguém que se ama, encerra o mesmo estado de espírito penoso, a mesma perda de interesse pelo mundo externo - na medida em que este não evoca esse alguém -, a mesma perda da capacidade de adotar um novo objeto de amor (o que significaria substituí-lo) e o mesmo afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre ele. É fácil constatar que essa inibição e circunscrição do ego é expressão de uma exclusiva devoção ao luto, devoção que nada deixa a outros propósitos ou a outros interesses. E, realmente, só porque sabemos explicá-la tão bem é que essa atitude não nos parece patológica. (FREUD, 2006, p.250).

Paula (2014) aponta que Freud inaugura uma nova interpretação da melancolia e que rompe totalmente com o discurso aristotélico do “Problema XXX”. Freud, ao fazer uma distinção entre luto e melancolia, mostra que o luto não tem características patológicas, ao contrário da melancolia. Paula (2014) ressalta que o pai da Psicanálise não só rompe com o discurso de Aristóteles, que coloca a melancolia como causa natural, mas também não equivale ao discurso psiquiátrico contemporâneo que engloba a melancolia dentro dos quadros de depressão.

Percebemos na citação acima, a preocupação de Freud em estabelecer os critérios mais claros possíveis na distinção entre luto e melancolia. Assim sendo, o estudioso aponta que, no luto, o sujeito ao perder uma pessoa amada (objeto), ou um “objeto” amado que despendia catexias libidinais, entra em um processo de enlutamento. Esse é, para Freud (2006), um processo natural da existência, basta que o enlutado consiga, em um processo bastante trabalhoso e exaustivo, redirecionar essa catexia libidinal até então perdida para um novo objeto, curando-se assim, paulatinamente, do luto.

Já na melancolia, não há a perda de um objeto, mas sim a perda do próprio ego. O ego (o eu) torna-se para o melancólico o que seria o outro no luto. Em síntese, há um direcionamento agressivo contra o próprio ego do indivíduo e por esse motivo é que na melancolia, segundo a teoria freudiana, o sujeito se pune e se desvaloriza, é um ataque contra si mesmo. É tangenciando o campo do ego que Freud (2006) forja seu conceito de narcisismo.

Freud (2006) desenvolve a ideia de identificação com o ego como uma característica que se dá durante a fase oral.

A identificação narcisista com o objeto se torna, então, um substituto da catexia erótica, e, em consequência, apesar do conflito com a pessoa amada, não é preciso renunciar à relação amorosa. Essa substituição da identificação pelo amor objetal constitui importante mecanismo nas afecções narcisistas (...). O ego deseja incorporar a si esse objeto, e, em conformidade com a fase oral ou canibalista do desenvolvimento libidinal em que se acha, deseja fazer isso devorando-o. Abraham, sem dúvida, tem razão em atribuir a essa conexão a recusa de alimento encontrada em formas graves de melancolia. (FREUD, 2006, p.255).

O princípio freudiano de que o narcisismo está intimamente ligado aos sintomas da melancolia encontra respaldo nos estudos atuais. Mendes, Viana e Bara (2014) analisam que tanto a melancolia como a depressão são patologias, sobretudo da nossa contemporaneidade. Isso ocorre porque, segundo os autores, a sociedade atual exige do sujeito cada vez mais. O consumismo desenfreado, as rápidas trocas de informações através da tecnologia, a

autovalorização da imagem e a ênfase em uma vida individualista levam o sujeito a se desprender da excessiva energia libidinal a fim de atender todas essas exigências impostas pela sociedade. Essa desenfreada utilização libidinal pode, não raras vezes, voltar-se para o próprio ego, ou seja, se a pessoa não conseguir simbolizar exteriormente suas demandas e necessidades, ocorre a introjeção da libido no seu próprio ego, seus investimentos libidinais são voltados para si próprio, o induzindo ao narcisismo.

Mesmo ao fazer todo esse trabalho investigativo em bases psicanalíticas, Mendes, Viana e Bara (2014) argumentam que existe ainda dificuldade em fazer diferenciações entre melancolia e depressão devido à similaridade de seus sintomas. Os autores assinalam a diferenciação entre luto, melancolia e depressão. No luto, há a perda de um objeto que pode ser nomeado e simbolizado, o que não ocorre, muitas vezes, na depressão e na melancolia. Ao invés de simbolizar, o indivíduo volta-se para si próprio, para o seu próprio ego narcísico.

Os mesmos autores fazem uma excelente explicação sobre a origem e os sintomas da melancolia sob um viés psicanalítico.

O sentimento de culpa e o desejo de punição presentes na melancolia estão associados à ambivalência de sentimentos vivenciados em relação às figuras parentais, ainda no decorrer do complexo de Édipo. O indivíduo desejou a morte da figura parental, por isso ele se culpa. O melancólico é atacado por seu próprio supereu. O eu do melancólico é extremamente autocrítico, ele se julga o pior dos humanos e se condena à morte. Humilha-se diante de todos, colocando-se como uma pessoa indigna. Ao delírio de inferioridade, junta a insônia, a inapetência e as pulsões de morte. O que revela o caráter patológico desse comportamento do melancólico é a forma que ele faz essas autoacusações, o fato de não se envergonhar e o fato de se sentir satisfeito. O comportamento do melancólico, as suas autoacusações, a depreciação do sentimento de si, a sua desvalorização e sua expectativa de punição nos levam que, o que se perdeu para o melancólico foi o próprio eu. (MENDES, VIANA e BARA, 2014, p. 426).

A exposição dos estudiosos confirma a tese proposta por Freud (2006), que denominou a melancolia de “psiconeurose narcísica” que, em outras palavras, refere-se ao investimento libidinal do indivíduo no seu próprio ego. O narcisista procura o ideal de ser amado em si mesmo. E, dessa maneira, a melancolia torna-se a doença da contemporaneidade porque o meio social atual exige cada vez mais dos indivíduos o “pleno gozo”, que deve ser atendido com um grande imediatismo. Caso não haja a possibilidade de gozo, de prazer imediato, o sujeito se volta para si mesmo, se recrimina e se pune por não atingir a satisfação desejada e por não saber lidar com a falta. Eis o desenvolvimento da melancolia.

Gabriel (2007) traz a figura de São Tomás de Aquino (1225-1274) que, ao escrever sobre a tristeza em sua “Summa Teológica”, passa muito próximo à teoria psicanalítica.

Tomás de Aquino, *doctor angelicus*, em síntese rigorosa e exaustiva, confirmou estes sinais e acrescentou a esta *specie tristitiae* a desvalorização de si. Captou também com precisão o desespero de afundar-se no abismo que separa o desejante do objeto: diz em sua Summa Teológica que esta *tristeza* se trata, na verdade, da “perversão de uma vontade que quer o objeto” justo quando o caminho de acesso ao mesmo está obstruído ou quando este não mais existe. Ou seja, segundo Aquino, é a persistência e exaltação do desejo frente a um objeto que o próprio desejo de alguma forma tornou inatingível para si. (GABRIEL, 2007, p.1)

Retomando a questão narcísica, Pinheiro, Quintella e Verztman (2010) se referem, mais uma vez, à dificuldade de traçar diferenças entre os conceitos de depressão e melancolia, mas, ainda assim, elaboram uma teoria. Os estudiosos concluem que, pelo fato de que na melancolia ocorre a chamada psiconeurose narcísica, como denominou Freud (2006), as ocorrências de atitudes contra o próprio sujeito e contra seu próprio ego são mais frequentes do que nos estados depressivos. Porém, é válido lembrar que, na depressão profunda, o ego narcísico também é atingido. A quebra da crença em uma onipotência egóica e o “choque” de realidade frente às questões de mortalidade e finitude do indivíduo são as principais maneiras pelas quais o ego é atingido na depressão.

A título de finalização, trazemos o pensamento de Berlinck (2015) que, mais uma vez, enfatiza a melancolia como patologia da contemporaneidade.

A questão do melancólico é não conseguir lidar com uma perda, a perda inconsciente de si mesmo, a perda da auto-estima. Com a mudança rápida dos valores na sociedade do efêmero, mal o sujeito identificou-se com certo objeto, este já tornou-se ultrapassado e, assim, a perda do objeto torna-se perda do próprio ego. Ora, na sociedade do efêmero, o próprio sujeito é efêmero. O que nos leva à questão da impossibilidade de corresponder ao ego ideal, pois, pela fugacidade, o sujeito cai na desvalorização, isto é, torna-se impossível para ele corresponder à representação de si com seus elementos valorativos.

Como vimos, o ego se constitui pela identificação com a imagem do outro que irá, então, definir o que é o ego ideal, tendo como modelos personagens possuidores dos atributos de máxima valorização como heróis, santos, atores de teatro, cinema, televisão etc (...).

Ora, os especialistas simplesmente reproduzem, sob a forma de ciência e de saber, aquilo que o mercado de consumo propõe como definição do desejo e dos meios de sua satisfação. Desta forma, as imagens criadas pela publicidade e pela propaganda são eficazes pois “inventam os desejos”, sendo signos do que a sociedade deve valorizar nos indivíduos (no caso contemporâneo, o sucesso, definido por critérios de competição, juventude, saúde e cuidados extremos com a “beleza” corporal).

A sociedade pós-moderna é uma sociedade de imagens e assim, as imagens do outro nos são oferecidas em profusão, massivamente, ininterruptamente. As imagens parecem preencher todo o tempo e todo o espaço real e imaginário, elas parecem ser tudo e todo o real, não há falta, não há lacuna, não há ausência, não há distância – isto é, não há tudo aquilo que é preciso para haver simbolização, e por isso a necessidade de recorrer às imagens criadas pela tecnologia, imagens do mundo externo que criem uma ilusão de realidade, é uma ultra realidade que se nos impõe. O sujeito, portanto, não simboliza, aceita como sua essa realidade “mais que real”, acreditando ver nela seu próprio reflexo (tem a ilusão de onipotência). (BERLINCK, 2015, p. 49-50).



Berlinck, nessa extensa citação de seu artigo “Melancolia e Contemporaneidade” basicamente faz, de forma magistral, o fechamento e a conclusão desse item do nosso artigo.

De fato, existe uma dificuldade em estabelecer critérios, sobretudo pela Psiquiatria, para definir e diferenciar a melancolia da depressão. Contudo, apesar da dificuldade, existem estudiosos que se detêm nessa problemática e buscam uma diferenciação entre os sintomas. Ao que tudo indica, a Psicanálise, desde os tempos de Freud, vem desenvolvendo estudos para a distinção sintomática dessas duas patologias e, até o presente momento, é ela que melhor consegue fazer a mencionada distinção.

Ademais, a citação de Berlinck torna-se uma conclusão quase que irrefutável frente à nossa atual sociedade capitalista e, sem dúvidas, narcisista, que proclama os valores estéticos e do poder acima de todas as coisas.

### **Considerações finais**

Este estudo procurou apresentar a questão da problemática referente à melancolia no decorrer da História. Foi o que, de fato, abordamos na primeira parte do artigo e que pôde nos mostrar como o estado melancólico ganhou grande abrangência e preocupou estudiosos do campo da Medicina, da Filosofia e, até mesmo, da Teologia. Podemos inferir que a melancolia, como estado de humor, foi e ainda permanece como uma das grandes questões para os estudiosos, já que recebe grande atenção desde a Antiguidade Clássica.

É interessante observar, sobre pano de fundo, a evolução da própria Ciência enquanto tal. De fato, os antigos, como Hipócrates e Aristóteles, por exemplo, foram capazes de abordar assuntos tão complexos como a melancolia e suas teorias serviram de base para o progresso científico que o Ocidente lentamente percorreu.

Não podemos deixar de mencionar que a citada “problemática melancólica” suscitou os ânimos de diversos artistas, entre eles, Albrecht Dürer, que se deteve, por volta de 1514, a executar a enigmática gravura “Melancolia I”. Este artigo não se preocupou em realizar uma metódica hermenêutica para obra, pois tomaria demasiada proporção e perderíamos o foco em analisar as concepções da melancolia na História e na Psicologia. Por outro lado, a necessidade de trazer essa obra para a pesquisa se tornou crucial, visto que ela representa iconograficamente preciosos detalhes do que se entendia, até então, por melancolia.

O *páthos* de Dürer em “Melancolia I”, segundo estudiosos, representa de forma arquetípica a fortuna crítica que existia até então sobre a melancolia. Além, é claro, de

representar a própria melancolia de Dürer que, no período de 1514, passava por conturbados momentos emocionais.

Outro tocante que remete à gravura leva-nos a tratar de concepções mítico-religiosas como mencionamos no artigo, que vela sobre o viés esotérico que a simbologia da gravura congrega. Saturno, Numerologia, Alquimia e Cabala se fazem presentes nessa enigmática e polissêmica obra.

Após Dürer, o problema da melancolia continuou a rondar estudiosos de diversas áreas. Aparentemente, a teoria aristotélica presente no “Problema XXX”, que toma a melancolia como uma predisposição positiva que inunda os espíritos dos grandes gênios, não ganhou grande receptividade na Idade Média e muito menos na era Moderna que, cada vez mais, colocava a melancolia como uma disposição patológica.

Passando de Spinoza a Burton, a temática chegou, finalmente, no campo da Psicologia, configurada como Ciência no final do século XIX. No entanto, uma clara distinção entre melancolia e depressão tornou-se um desafio para psicólogos e psiquiatras, que se depararam com duas patologias cujas características sintomáticas são semelhantes.

Em nosso trabalho, apresentamos a Psicanálise como pioneira, ou ao menos a área que mais se preocupa em fazer a referida distinção. Como analisamos, a melancolia é, no campo psicanalítico, uma patologia narcisista. É o ego que se volta contra si mesmo. Assim, o melancólico, ao perder ou perceber sua finitude, sua incapacidade de ser onipotente e de ter todas as atenções voltadas para si, se martiriza e se recrimina, tornando-se uma figura sádica.

Se a melancolia é, então, um processo no qual o indivíduo percebe não ser capaz de conquistar todos os gozos narcísicos que a sociedade, de certa forma, impõe, podemos assegurar, como fez Berlinck (2015), que a disposição melancólica seja a doença da sociedade contemporânea.

Chegamos a essa conclusão ao notar o ritmo da nossa atual sociedade capitalista e profundamente narcisista. Não é difícil verificar esse efeito. A cada dia somos mais “cobrados” para sermos e termos o melhor. Nunca estamos satisfeitos com o corpo que temos e com a tecnologia que nos cerca. Assim, frente à necessidade insaciável do homem contemporâneo, é que a melancolia toma conta de nossa disposição psíquica, pois pelo fato de frequentemente não conseguirmos atender essa demanda estética e capitalista, somos tomados pela sensação de um ego impotente e falível.

Neste último momento, podemos fazer uma analogia com a enigmática gravura “Melancolia I” de Dürer. Ao traçar um paralelo entre a disposição melancólica e sua explicação

pela Psicanálise, e criando uma hermenêutica para a citada obra, encontramos o significado de uma temática atual na gravura, embora a mesma seja de 1514.

Para indicar que a mensagem do quadro se mantém atual, é necessário fazer um rápido esboço da situação histórica da Europa do século XVI. De fato, nessa época, Dürer vivia com questões pessoais, como a morte de sua mãe, mas também se deparava com a sociedade alemã em profunda ebulição. Por um lado, o humanismo renascentista crescia com grande força em muitos aspectos, certezas científicas tomadas pela Idade Média caíram por terra no Renascimento. A Reforma Protestante começava a dar seus primeiros sinais, o Catolicismo romano viria a ser confrontado, diversos pilares da sociedade estavam em transformação. E é lá, em “Melancolia I”, que encontramos o anjo, cercado por objetos científico-matemáticos e por uma porção de elementos místico-religiosos.

Embora cercado de diversos instrumentos que poderiam, ao que tudo indica, elevar o anjo em conhecimentos científicos e religiosos, o mesmo não se encontra em uma disposição de empatia, pelo contrário, esboça cansaço, aborrecimento e melancolia.

Dessa forma, a gravura ganha contornos para uma hermenêutica atual com os estudos realizados sobre a melancolia pela Psicanálise contemporânea. O anjo da gravura, assim como o homem contemporâneo, é melancólico, pois muito é exigido dele. As artes, as ciências e as religiões lhe impõem novos conceitos e novos modelos de vida.

Então, seria a gravura de Dürer uma crítica à própria sociedade de sua época, a qual exigia mais do homem do que ele era capaz? Essa mesma gravura, mesmo muito antiga, ainda representaria uma realidade de nossa atual sociedade?

A conclusão, ao menos deste artigo, aponta que sim, que “Melancolia I” permanece e permanecerá atual. Ou, em termos mais esotéricos, ainda vivemos sob a égide de Saturno.

## Referências

ABIB, José. *Epistemologia Pluralizada e História da Psicologia*, 2009. In: <http://www.scielo.br/pdf/ss/v7n2/v7n2a02.pdf> Acesso em: dezembro de 2015.

ARISTÓTELES. *O Homem de Gênio e a Melancolia*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1998.

BALL, Philip. *O Médico do Demônio: Paracelso e o Mundo da Magia e da Ciência Renascentista*. Rio de Janeiro: Imago, 2009.

BERLINCK, Luciana. *Melancolia e Contemporaneidade*. In: <http://www.fflch.usp.br/df/epinosanos/ARTIGOS/numero%2018/luciana18.pdf> Acesso em: dezembro de 2015.

BURTON, Robert. *A Anatomia da Melancolia*. Curitiba: Editora UFPR, 2011.

- DELUMEAU, Jean. *A Civilização do Renascimento II*. Lisboa: Editorial Estampa, 1984.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia*. In: *A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e Outros Trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- GABRIEL, Pedro. *Melancolia: a Divina Tragédia de Saturno, Thanatos e Narciso*, 2007. In: <http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/int-participantes/Pedro-gabriel/Melancolia.pdf> Acesso em: dezembro de 2015.
- HAUTECOEUR, Louis. *História Geral da Arte: da Realidade à Beleza I*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.
- JURUENA, Mario. et al. *Estudos Latino-Americanos sobre Melancolia: um Transtorno do Humor Melhor Definido para o CID-11*, 2011. In: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462011000500005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462011000500005) Acesso em: dezembro de 2015.
- KINNEY, Jay. *Esoterismo e Magia no Mundo Ocidental*. São Paulo: Pensamento, 2006.
- KLIBANSKY, Raymond; PANOFKY, Erwin; SAXL, Fritz. *Saturno y La Melancolía*. Madrid: Alianza Forma, 2012.
- MCINTOSH, C. *A Rosa e a Cruz: História, Mitologia e Rituais das Ordens Esotéricas*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2001.
- MENDES, Elzilaine; VIANA, Terezinha; BARA, Olivier. *Melancolia e Depressão: Um Estudo Psicanalítico*, 2014. In: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722014000400007&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722014000400007&script=sci_abstract&tlng=pt) Acesso em: dezembro de 2015.
- PAULA, Marcos. *Pode o Conhecimento Dar Alguma Alegria? Uma Interpretação da “Melancolia I”, de Albrecht Dürer, a Partir da “Ética” de Spinoza*, 2014. In: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-512X2014000200009&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-512X2014000200009&script=sci_arttext) Acesso em: dezembro de 2015.
- PINHEIRO, Maria; QUINTELLA, Rogerio; VERZTMAN, Julio. *Distinção Teórico-Clínica entre Depressão, Luto e Melancolia*, 2010. In: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652010000200010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652010000200010) Acesso em: dezembro de 2015.
- RODRIGUES, Andréia. *De Marsilio Ficino a Albrecht Dürer: Considerações sobre a Inspiração Filosófica de “Melencolia I”*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

